

O ex-voto como elemento folkcomunicação: uma análise sobre a simbologia do andor do festejo popular da Santíssima Trindade, em Manaus-AM

Gleilson Medins¹

Gabriel Ferreira Fragata²

Allan Rodrigues³

Submetido: 15/05/2024

Aceito: 10/06/2026

RESUMO

O andor utilizado na caminhada penitencial dos festejos da Santíssima Trindade, realizados em Manaus-AM, foi construído e melhorado nos últimos 11 anos, ganhando também uma dimensão simbólica potente e latente como ex-voto, conforme será apresentado neste texto, à luz da teoria da Folkcomunicação, de Luiz Beltrão (1980). Esta prática utilizada principalmente como pagamento de promessas é uma manifestação de comunicação popular, sobretudo dos milagres e graças alcançadas atribuídas à Santíssima Trindade. Neste artigo, nos voltamos à discussão teórico/conceitual sobre o andor como principal prática ex-votiva dos festejos da Santíssima Trindade, apresentando os principais elementos folkcomunicaçãois que edifica o relacionamento dos devotos com o sagrado.

PALAVRAS-CHAVE

Andor; Ex-voto; Folkcomunicação; Santíssima Trindade.

¹ Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/Ufam). Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo (ICSEZ/Ufam). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokan/Ufam). Técnico Audiovisual da Faculdade de Informação e Comunicação da Ufam.

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam). Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo (ICSEZ/Ufam). Membro do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokan/Ufam).

³ Doutor e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/Ufam). Bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (Decom/Ufam). Líder do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokan/Ufam). Professor de Jornalismo da Faculdade de Informação e Comunicação da Ufam.

The ex-voto as a folkcommunicational element: an analysis of the symbolism of the andor of the popular celebration of the Holy Trinity, in Manaus-AM

ABSTRACT

The walker used in the penitential walk of the Holy Trinity festivities, held in Manaus-AM, was built and improved in the last 11 years, also gaining a powerful and latent symbolic dimension as an ex-voto, as will be presented in this text, in the light of the theory of Folkcommunication, by Luiz Beltrão (1980). This practice, used mainly as the payment of promises, is a manifestation of popular communication, especially of the miracles and graces obtained attributed to the Most Holy Trinity. In this article, we turn to the theoretical/conceptual discussion about the andor as the main ex-votive practice of the festivities of the Holy Trinity, presenting the main folkcommunicational elements that build the relationship of the devotees with the sacred.

KEY-WORDS

Andor; Ex-voto; Folkcommunication, Holy Trinity.

El ex-voto como elemento comunicacional popular: un análisis del simbolismo del andor de la celebración popular de la Santísima Trinidad, en Manaus-AM

RESUMEN

El andor utilizado en el paseo penitencial de las fiestas de la Santísima Trinidad, realizado en Manaus-AM, fue construido y perfeccionado en los últimos 11 años, adquiriendo también una potente y latente dimensión simbólica como exvoto, como se presentará en este texto, a la luz de la teoría de la Comunicación Popular, de Luiz Beltrão (1980). Esta práctica, utilizada principalmente como pago de promesas, es una manifestación de la comunicación popular, especialmente de los milagros y gracias obtenidas atribuidos al Santísimo Trinidad. En este artículo, pasamos a la discusión teórico-conceptual sobre el andor como la principal práctica ex-votiva de las festividades de la Santísima Trinidad, presentando los principales elementos comunicacionales folclóricos que construyen la relación de los devotos con lo sagrado.

PALABRAS-CLAVE

Andor; Ex-voto; Comunicação popular, Santíssima Trindade.

O início...

Antes de descrever os elementos do andor e os processos ex-votivos, julgamos necessário, primeiramente, entender como ocorrem os festejos em honra à Santíssima Trindade em Manaus. Realizado há 38 anos na área missionária Santa Catarina de Sena, na Arquidiocese de Manaus, o começo dessas manifestações no Amazonas data aproximadamente o início do século XX, no distrito Barreira do Andirá, zona rural do município de Barreirinha-AM, distante 330 quilômetros em linha reta da capital, Manaus. Sobre o início dessas manifestações que se estendem e foram ressignificados até os dias atuais, Maria Cleide Tenório, de 70 anos, nascida em Barreirinha e herdeira do artefato que simboliza a Santíssima Trindade, conta que o objeto religioso foi trazido de Portugal para o Brasil por seu bisavô, Francisco Alves Belém.

Na época, o imigrante português veio morar no Amazonas, possivelmente passando pelos municípios de Manaus, Parintins e partindo logo em seguida ao distrito de Barreira do Andirá, de acordo com os relatos de sua bisneta. A família de Francisco Alves Belém não possui informações da localidade de sua origem no país europeu, bem como não possui registros das atividades que exerceu no interior de Barreirinha. Tudo o que se sabe sobre o precursor do culto à Santíssima Trindade nesta região faz parte do legado de sua tradição oral.

Em solo amazônico, Francisco Alves Belém é apontado como propagador dos ensinamentos e ritos de devoção ao artefato religioso que representa o culto à Santíssima Trindade. A partir disso, passou adiante esta crença popular, que seguiu às gerações seguintes de sua família, até chegar à Maria Cleide Tenório, que é precursora do festejo na cidade de Manaus e atual guardiã e detentora do artefato da Santíssima Trindade. A princípio, as primeiras manifestações ocorriam em visitas aos ribeirinhos em pequenas embarcações por comunidades vizinhas do distrito Barreira do Andirá, sobretudo, levando o objeto sagrado da Santíssima Trindade, percorrendo quatro meses realizando novenas e a ladainha de “Nossa Senhora” (como é conhecida, Maria, mãe de Jesus Cristo no catolicismo).

A respeito do festejo, o ponto central é o artefato, com formato de um pombo imperial, que representa o poder do deus católico, uno e trino, e sua divindade. Abaixo, há um orbe ou esfera que representa o planeta Terra e uma coroa, com material feito de latão coberto numa massa utilizada em esculturas com pontos conectados por solda em um suporte prateado de ferro.

A cor do instrumento é dourada com alguns pontos desgastados pelo passar dos anos. Alguns elementos complementam o artefato com fitas de cores variadas: brancas, amarelas, vermelhas, verdes e azuis, que são amarradas debaixo do pombo (o pássaro simboliza o Espírito Santo na narratologia bíblica cristã católica), que é a única parte visível do artefato. O objeto que representa a Santíssima Trindade para esses devotos é semelhante à coroa do Divino Espírito Santo, originalmente criada pela Rainha Isabel como Império do Divino durante a expansão da colonização portuguesa, chegando ao arquipélago dos Açores, formado por nove ilhas, descobertas entre 1427 e 1452 por navegadores portugueses à serviço da Coroa.

Neste local são realizadas folias por um conjunto de cânticos tradicionais, para direção e o acompanhamento musical dos festejos (LEAL, 1994). A Coroa do Espírito Santo, forma consagrada de representação da divindade, constitui o elemento em torno do qual se estruturam os Impérios (LEAL, 1994). Os devotos da Santíssima Trindade de Manaus se identificam como cristãos católicos, e as manifestações à Santíssima Trindade seguem o calendário litúrgico da Igreja Católica, como solenidades realizadas durante quatro meses, iniciando no primeiro domingo da quaresma e terminando após o dia de Pentecostes.

No entanto, é leviano afirmar que esta crença e culto está diretamente ligada e/ou foi criada sob a tutela dogmática católica. Ao contrário, o culto à Santíssima Trindade tal qual apresentamos aqui, é uma manifestação de religiosidade popular enraizada na oralidade amazônica do grupo social recortado por este estudo, e nada tem a ver com os ritos institucionais da religião oficial (ou seja, a Católica), embora haja sincretismos e/ou eventuais parcerias para a realização de algumas festividades, entre os devotos e a comunidade católica de Santa Catarina de Sena, localizada no bairro Petrópolis, em Manaus, onde também é sediada a comunidade Aliança da Santíssima Trindade.

Sobre o simbolismo das práticas religiosas e as formas artesanais e/ou autônomas de comunicação com o sagrado no âmbito da Folkcomunicação, acerca da religiosidade popular, Menezes (2023, p. 86), assevera que:

De certo, toda religião pode apresentar formas concretas de comunicação material e imaterial com o sagrado (liturgias e ritos diversos). No entanto, os estudos folkcomunicacionais nos mostram que é na religiosidade popular que as relações comunicativas são mais sensivelmente perceptíveis em abundância. Dentro do universo de cultura popular, o crente se sente livre, no sentido de não ter que obedecer a dogmas institucionais para manifestar (no plano individual e coletivo) sua fé e relação comunicacional com o sagrado, ou seja, sua divindade protetora. E isso pode ter base nas suas expressões dialógicas ancestrais mais primitivas, a partir de suas relações com a natureza.

Os festejos da Santíssima Trindade envolvem ritos peculiares (diferentes e/ou similares aos praticados pela religião tradicional), como por exemplo, novenas, santo triságio angélico, ladainha, missa e a caminha penitencial, que é o momento em que o andor torna-se um ex-voto, de acordo com os pressupostos da Folkcomunicação, que aprofundaremos mais à frente. A apresentação popular do andor diante da comunidade durante o ato penitencial faz referência a uma das promessas praticadas anualmente nos festejos da Santíssima Trindade. Este item da caminhada penitencial tornou-se nos últimos anos, doação de famílias de devotos como forma de agradecimento por algum milagre atribuído à Santíssima Trindade.

Mediante a proposta deste artigo, utilizamos uma metodologia de abordagem qualitativa, descritiva e observacional, com os seguintes instrumentos utilizados para coleta de dados: câmera fotográfica, gravador de voz e bloco de notas no aparelho celular. As entrevistas foram feitas com um casal de devotos promesseiros da Santíssima Trindade com a técnica da entrevista em profundidade, sem roteiro (e postura) rígido/mecânico para perguntas e respostas. Para a análise do andor como elemento ex-votivo foram utilizados alguns procedimentos etnográficos como a realização de observação participante (*in loco*), com a descrição de cada item utilizado para sua construção, posteriormente, o registro das fotos, na sede da comunidade Aliança Santíssima Trindade, local onde fica guardado o objeto na capital amazonense.

O panorama folkcomunicacional

A Folkcomunicação⁴ é a única teoria da comunicação criada no Brasil. Seu precursor é o jornalista e pesquisador pernambucano, Luiz Beltrão, na década de 1960, época em que

⁴ A Folkcomunicação está em franco processo de expansão no Brasil e América Latina, e vem se reinventando ao longo dos anos. Hoje, traz consigo um potencial inter e multidisciplinar, pois, ao tratar os

concluiu sua tese de doutoramento pela Universidade de Brasília (UNB), cujo objeto de estudo foi justamente o florescimento da Folkcomunicação como uma teoria científica sistematizada, aplicável a todos os campos de interesse da comunicação, posto que já nasce com indicativos de multidisciplinaridade; fato consolidado posteriormente com o avanço de sua taxonomia diversa.

Beltrão foi o primeiro de seu tempo a observar (e sistematizar cientificamente) as diversas formas de expressividade popular (regionalismos, histórias, estórias, causos, contos, mitos, lendas, cartaz lambe-lambe, propaganda em boca-de-ferro, vestimentas ritualísticas e/ou indumentárias de folguedos, ritos religiosos etc), portanto, também formas comunicativas, consideradas primitivas pela sociedade erudito-hegemônica, mas que são altamente eficazes para sua audiência. A esses grupos sociais de cultura obscurecida, Beltrão (1976-1980) chamou de “marginalizados” inclusive, pelo jornalismo, que não trazia (inclusive atualmente) à luz o rico potencial comunicacional embutido nas camadas sociais “subalternas” da sociedade (BELTRÃO, 1980).

Desta feita, a Folkcomunicação nasce como alternativa para uma visão comunicacional mais humanizada voltada à valorização dos saberes tradicionais das populações cultural (em seus diversos aspectos), geográfica e midiaticamente marginalizadas. Tudo o que vem do povo e fala sobre o povo é objeto da Folkcomunicação (MENEZES, 2019). Os instrumentos, processos e procedimentos comunicacionais nos ambientes de cultura popular interessam à Folkcomunicação, porque ela tem na sua essência a subversão/transgressão àquilo que é imposto pelo capital social hegemônico.

A partir da trilha folkcomunicacional deixada por Beltrão, seus vários intérpretes se encarregaram de elevar a teoria a outros patamares científicos. Consolidando hoje, a Folkcomunicação como uma metalinguagem comunicacional, superando os padrões funcionalistas estruturais que forjaram todas as demais teorias da comunicação (estrangeiras) de que se tem registro. Podemos dizer, portanto, que o *folk* jornalista e/ou o pesquisador da *folk* capacita-se a superar a comunicação como um mero processo de transmissão de mensagens objetivas, linear e restrito, tendo na alteridade e no respeito às intersubjetividades

fenômenos comunicacionais dentro de uma estrutura de cultura popular em que estão inseridos outros traços da vivência humana (social, econômica, religiosa, cultural, étnica etc.), se coloca como agente provocador desses traços, evidenciando suas principais inferências e tensões ao se relacionar complexamente com outras áreas do saber (MENEZES, 2023, p. 16).

dos sujeitos o seu ponto de partida. Isso nos permite entender a comunicação como uma construção conjunta entre interlocutores (relacional), cujas ações envolvem discursos, costumes, sentidos e contextos diversos de interação.

Beltrão definiu que a linguagem dos públicos marginalizados é a folclórica. Mas é importante advertirmos aqui, que, ao definir este postulado como uma das bases de sua teoria, Beltrão não se referia a folclore como festa popular (embora esta faça parte deste universo). Para o autor, folclore é o “arcabouço de conhecimento do povo”. Portanto, todos os conhecimentos que vem da tradição oral (mitos, ritos, lendas, estórias...), repassados de geração em geração, compõem o folclore (como base cultural orientadora) dos diversos grupos sociais imersos nos ambientes de cultura popular. E esta bagagem cultural (base do etnoconhecimento dos diversos povos), ainda que sofra degradações por conta das incessantes transformações sociais e tecnológicas impostas pelas sociedades modernas, jamais desaparecerá, pois se trata subjetivamente de um processo cíclico do imaginário, um “eterno retorno”, como adverte Mircea Eliade (1992).

O ex-voto como gênero folkcomunicacional

A princípio, o folclorista Câmara Cascudo (2012) define o ex-voto como objeto doado aos santos, em satisfação de uma súplica atendida. A promessa também pode ser a obrigação de praticar ou não determinados atos, como “abrir mão de algo” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 582).

Segundo Brandão (1980), os ex-votos, promessas, milagres, ou as graças alcançadas – focos analisados na tese de Beltrão –, advêm da religião do povo, milenar, do “catolicismo rústico do campesinato, do pentecostalismo tradicional, das modalidades arcaicas e atuais de cultos afro-brasileiros e os surtos messiânicos”. A partir dessas premissas, podemos compreender que o ex-voto pode ser a legítima expressão da religiosidade popular, onde objetos são ressignificados para o pagamento de uma promessa feita à determinada entidade, em um diálogo com o sobrenatural.

No sentido religioso, Câmara Cascudo (2012, p. 582) apresenta o ex-voto como a sobrevivência de votos tradicionais e antiquíssimos, nada ortodoxos, mas teimosamente julgados eficientes e agradáveis aos santos, como seriam os deuses mortos de outrora.

Segundo Rosa Maria Ferreira (2004) o ex-voto é “uma associação ricamente simbólica onde signo, ícone, significado e significante direcionam-se aos receptores anônimos numa forma rica em visualidade e sentido na transmissão de mensagens”. Luiz Beltrão define o “ex-voto como objeto “que se oferece nas capelas, igrejas, salas de milagres ou cruzeiros, em ação de graças por um favor alcançado do céu”. Trata-se de “manifestação folclórica” geralmente estendida como “expressão artística” ou percebida através da sua “finalidade diversional” (MARQUES DE MELO 2008, p. 84).

Marques de Melo (2008, p. 84) aponta que “há uma dupla significação, pois além do sentido explícito, ou seja, a demonstração da fé religiosa embute um sentido camuflado”. Dessa forma, entende-se que o ex-voto é muito mais do que os olhos podem ver e do que os devotos podem expressar por meio de objetos, ícones, pinturas em quadro ou telas, escultura, música, dança, teatro, um gesto concreto de sacrifício ou qualquer forma de pagamento de promessa. Nesse sentido, para que seja possível identificar ambos sentidos, Beltrão propõe estudar as peças expostas no altar ou nas paredes, neste caso, estudaremos o andor da Santíssima Trindade. E com base nisso, é possível decodificar as mensagens contidas (MARQUES DE MELO 2008, p. 84).

No que tange à religiosidade popular, na visão beltraniana (considerando todas as transformações e degradações intangíveis das sociedades), o ex-voto é a maneira particular que o devoto encontra para firmar um elo comunicativo (vitalício) na Terra com sua entidade (ou santo) protetora, no céu. Diferente da promessa tradicional do catolicismo erudito, onde o compromisso do fiel (ou seja, seu sacrifício ou gesto concreto) termina quando a graça é alcançada, e, portanto, sua dívida foi quitada.

Sendo, portanto, materializado num objeto profano transmutado em sagrado (a partir do contexto simbólico ritualístico em que está inserido), o ex-voto é uma potência simbólica potente e latente na religiosidade dos devotos da Santíssima Trindade, onde o artefato/andor representa um repositório de toda sorte de ex-votos praticados (no âmbito individual ou coletivo) pelos devotos da comunidade. Desta feita, o artefato/andor da Santíssima Trindade é, por seu turno, o maior ex-voto, ou seja, o objeto que encapsula toda a expressividade religiosa da crença dos devotos da comunidade Aliança da Santíssima Trindade e os une ao seu benfeitor sobrenatural maior: Deus.

O conceito e a origem do andor

De acordo com o dicionário Aurélio (2004), a palavra andor tem origem no sânscrito, quer dizer, hindola, ‘redouça’, pelo malaiala, andola. Ferreira (2004, p. 133) aponta que na língua portuguesa, andor é uma “Padiola portátil e ornamentada, sobre a qual se conduzem imagens nas procissões; charola, andas.” Ainda segundo o dicionário Aurélio, a definição de padiola, refere-se a uma “espécie de tabuleiro retangular, com quatro varais, usado para transporte”.

Sobre a definição de andor, encontramos no Thesaurus, vocabulário de objetos do culto católico, o seguinte:

Padiola com varais para transportar, na procissão, imagens ou relíquias de Santos, o Santíssimo Sacramento ou, na Quinta-Feira Santa, os Santos Óleos. Pode integrar um a dois pedestais e ser encimado por baldaquino. As imagens, os relicários (porta relicário processional) ou o seu suporte podem ser fixos à base da padiola. Quando 47 apresenta maior dimensão, com uma estrutura mais complexa e ricamente decorada, diz-se máquina processional. (ROCCA, 2004, p.58)

Silva (2020) aponta que além da questão conceitual, há também a dimensão simbólica do andor, em ocasiões religiosas, em que apontamos, por exemplo, na caminhada penitencial dos festejos da Santíssima Trindade. De acordo com Silva (2020) “o andor é fruto do imaginário que permeia o universo de festas, cultos e procissões religiosas, principalmente da Igreja Católica”.

Até onde pudemos observar a literatura acadêmica não apresenta, claramente, como este artefato utilizado em manifestações religiosas (sobretudo populares) surgiu ou a origem de sua tradição. Por outro lado, um indício sobre a existência do andor está descrito no livro do Êxodo, na bíblia cristã, ao ser relatado a construção da “Arca da Aliança”, que partiu da ordem de Deus, a qual servia para guardar as tábuas da lei, Araújo (2012).

As escrituras sagradas cristãs não utilizam o termo – andor - mas a descrição desse instrumento, bem como a sua simbologia e função, nos revela algumas semelhanças. Observemos a seguir, o trecho retirado da Bíblia, no livro do Êxodo:

Farão uma arca de madeira de acácia; seu comprimento será de dois côvados e meio, sua largura de um côvado e meio, e sua altura de um côvado e meio. Tu a recobrirás de ouro por dentro, e farás por fora, em volta dela, uma bordadura de ouro, Fundirás para a arca quatro argolas de ouro, que porás

nos seus quatro pés, duas de um lado e duas de outro. Farás dois varais de madeira de acácia, revestidos de ouro, que passarás nas argolas fixadas dos lados da arca, para se poder transportá-la. Uma vez passado os varais nas argolas, delas não serão mais removidos [...] Farás também uma tampa de ouro puro, cujo comprimento será de dois côvados e meio, e largura de um côvado e meio. Farás dois querubins de ouro; e os farás de ouro batido, nas duas extremidades da tampa, um de um lado e outro de outro, fixando-os de modo a formar uma só peça com as extremidades da tampa. Terão esses querubins suas asas estendidas para o alto, e protegerão com elas a tampa, sobre a qual terão a face inclinada. Colocarás a tampa sobre a arca e porás dentro o testemunho que eu te der. [...] (BÍBLIA, Êxodo, 25.10-21).

De acordo com Silva (2020), a descrição da construção da Arca da Aliança apresenta um padrão de medidas características da época, chamado de côvado, “determinado como a distância entre o cotovelo e a ponta dos dedos da mão aberta, ou seja, o tamanho do antebraço somado ao tamanho da mão” (WICHERT NETO, 2012, p. 156).

Trata-se, portanto, de “uma medida difundida nas civilizações antigas por volta de 3000 a.C., entre os povos egípcios, babilônicos e hebreus, no entanto, para cada um deles existiam diferenças de medidas” (SILVA 2020, p. 47). Entretanto, Wichert Neto (2012) aponta que entre as variações de cada povo, havia um, que era considerado como côvado comum, que aproximadamente equivalia a 45,7 cm. A partir dessas medidas apresentadas, podemos constatar que a arca da aliança media equivalente a 114,25 cm de comprimento, 68,55 cm de largura e altura, cuja tampa seria na mesma proporção (SILVA 2020, p. 48).

O exemplo dado apresenta notadamente semelhança nos aspectos formais entre a Arca da Aliança e o andor, sobretudo na função de transportar algo sagrado, como por exemplo uma imagem de um santo, ou até mesmo o próprio corpo de Cristo, tradicional na procissão de *Corpus Christi* (SILVA 2020). Desse modo, ambos carregam o sagrado em cujo trajeto prestam-se homenagens, seja na antiguidade com a Arca, bem como agora com os andores (SILVA 2020).

O andor como expressão do barroco

A ameaça protestante fez com que a Igreja Católica, por volta do século XVI, passasse a desenvolver o barroco. De acordo com Bedin (2014), foi preciso uma nova maneira de impor a fé, para que ela pudesse expandir-se em meio à nova maneira de pensar, ver e sentir que o mundo estava por iniciar. A partir disso “o barroco começou a ser utilizado pela Igreja

Católica” (Silva 2020, p 23). Enquanto estilo artístico, o barroco conseguia expressar com mais eficiência e fidelidade os ensinamentos que a Igreja Católica almejava passar para seus fiéis (Silva 2020). Dessa forma, foram através dos templos, ornamentados e com imagens sacras que se difundiam as ideias e dogmas da doutrina católica para a população de forma material.

Diante disso, Santos (2001) diz que o sentido do barroco é de cativar, envolver e seduzir o fiel. As representações barrocas tendiam ao exagero, para comover, e apelar para o sentimento do maravilhoso e sobrenatural (SILVA 2020). Além disso, buscava impressionar e animar o fiel, tocar a sensibilidade, de modo, a suscitar adesões. Destinava-se a levá-lo ao êxtase, e surpreendê-lo por meio da persuasão das representações. Mobilizava a vontade a apiedar-se, ter fé e glorificar aos santos. (2001, p. 13). Silva (2020, p. 24) diz que é do “barroco que possivelmente nasce o gosto e o rebuscamento que os andores adquiriram com o passar do tempo”.

Andores entalhados em madeira, com volutas e arabescos ornamentando, embelezando a estrutura que servira para colocar o santo ou a santa durante a procissão. Desse modo, além do culto no interior dos templos e residências, também havia e continua existindo o culto coletivo nas grandes procissões. Em suma, as imagens sacras barrocas, segundo Santos (2001), serviam para estimular e despertar os sentimentos de devoção do povo católico, para que pudessem elevar seu espírito a Deus (SILVA 2020, p. 24).

O andor da Santíssima Trindade como elemento folkcomunicacional

Construído no ano de 2012 para a caminhada penitencial, o andor tornou-se um tipo de ex-voto como elemento folkcomunicacional, pois é por meio dele, sobretudo de ornamentação onde leigos devotos da Santíssima Trindade, expressam sua gratidão e pagam promessas por milagres alcançados.

Há 11 anos o andor, que leva o artefato, é carregado pelos fiéis sob os ombros, ganhou uma resignificação, especialmente pela promessa da Família Viana, que desde a construção do andor para o festejo, particularmente no ano de 2023, se envolve na ornamentação, como forma de pagamento de promessa, ou ex-voto. Apesar de ter sido construído para cumprir uma função de carregar o artefato da Santíssima Trindade, o andor foi resignificado sobretudo pela prática de ex-voto envolvendo uma família de leigos devotos.

No ano de 2023, o andor foi pintado na cor dourada, ganhou novos adereços, como uma estrutura de uma fachada de igreja com um crucifixo no topo, que é feita de madeira compensada, conhecida na região amazônica como madeirite. As duas colunas da estrutura são em formato cilíndrico, enfeitados com dois barbantes pintados na cor dourada, com dois anjos que representam os querubins. Algumas pedrarias também foram utilizadas para acabamento da ornamentação do andor, conforme imagens abaixo.

Figura 1 - Andor da Santíssima Trindade



Foto: Gabriel Ferreira

Figura 2 - Andor da Santíssima Trindade

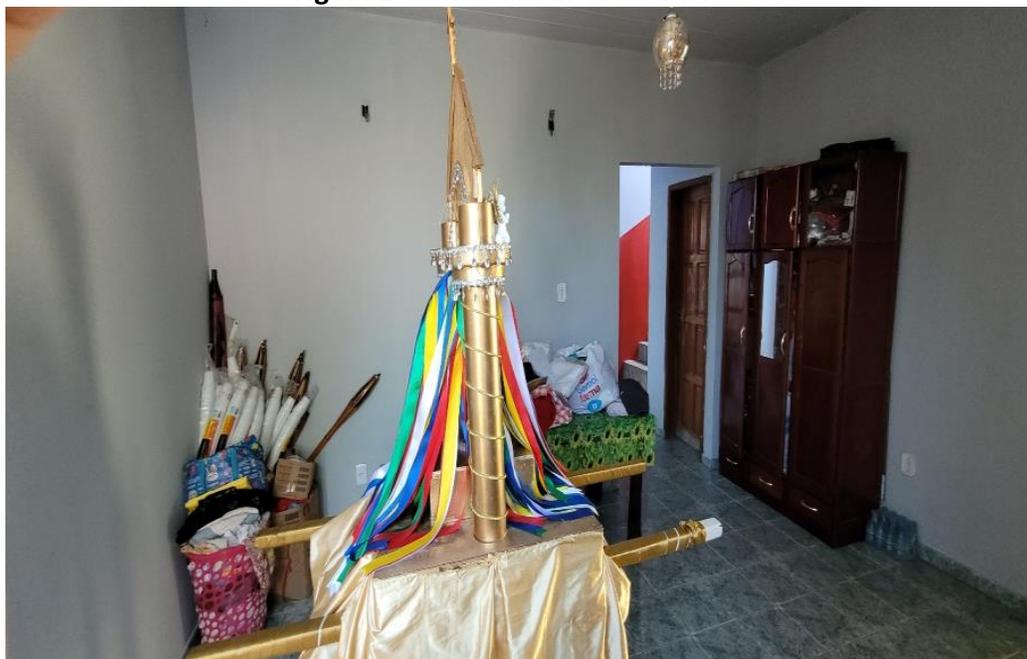


Foto: Gabriel Ferreira

Uma das promesseiras e devotas da Santíssima Trindade, Rosileuda Viana, expressa através da confecção e ornamentação do andor, principalmente do festejo deste ano, como pagamento de promessa, doação pelas graças alcançadas por sua família e que são atribuídas de acordo com sua fé, ao Deus Trino. A saber, a cura de um câncer e outras doenças de membros de sua família.

Em agradecimento, nós a família toda resolveu se reunir pra fazer esse andor em agradecimento por todas as graças que foram alcançadas, no caso o câncer do Roberto (irmão de Rosileuda), que ele teve, graças a Deus ele fez a cirurgia e ele foi curado, o câncer da Rita (prima de Rosileuda), ela também conseguiu a cura. Houve a doença da maria Gabriela (neta de Rosileuda), nós ficamos muito aflitos e graças a Deus isso a gente conseguiu e muitos outros pedidos que nós tínhamos, no caso a Leudinha (filha de Rosileuda que não conseguia engravidar e a gente sempre recorria a ela, a gente colocava a Leuda e nós alcançamos tudo isso. Teve a nossa sobrinha também, Sabrina, que conseguiu engravidar (Entrevista de Rosileuda Viana, 2023).

A reunião de todos os membros da Família Viana e a colaboração financeira para pagar a mão de obra da confecção do andor, e até mesmo o ato de carregá-lo sobre os ombros na caminhada penitencial da Santíssima Trindade, integra todo o processo de ex-voto gerado a

partir da promessa, e que, sobretudo, envolve o andor e comunica também esses milagres às outras pessoas participantes.

No âmbito da religiosidade popular, o ex-voto, em termos beltrianos, sempre será demonstrado por meio da iconicidade de um instrumento físico profano, que dentro de um contexto devocional de adoração é transmutado em sagrado, uma vez que se torna um símbolo de fé e de relacionamento metafísico com aquilo que o devoto considera sagrado/divino. O prefixo “ex” sugere exatamente a externalidade deste gesto concreto. E a necessidade de comunicar a todos a eficácia simbólica da sua relação com o sagrado, como explica Menezes (2023, p. 86):

Em grupos sociais de cultura *folk*, dar publicidade ao seu ex-voto é fundamental nessa dinâmica de cultura e religiosidade popular. É onde sua comunicação coletiva ganha potência, poder. É importante mostrar para todos que se tem uma relação íntima com a entidade sagrada e que seu elo na Terra com o santo (que está no céu) está sendo regularmente efetivado, resguardado. E dessa forma, os comunitários acreditam que fica provada de maneira incontestável a eficácia dessa comunicação perante todos. Por mais que pareça pouco aos olhos alheios, a graça recebida pelo fiel é uma prova concreta de que ele não está sozinho e de que conquistou a afetividade e confiança do santo, a qual jamais pretende quebrar, e ele vai evidenciar esse desejo no ex-voto. E a partir daí essa relação recíproca com um ente divino que habita um plano superior passa a preencher toda sua existência.

Nesse sentido, Rosa Maria Nales Davas (2004) apresenta a ideia de que o ex-voto é “uma associação ricamente simbólica onde signo, ícone, significado e significante direcionam-se aos receptores anônimos numa forma rica em visualidade e sentido na transmissão de mensagens”. Portanto, esta é a forma que o devoto encontrou para agradecer pelas bênçãos alcançadas na vida, como um veículo da linguagem [e religiosidade] popular, dos seus sentimentos (NAVAS 2004).

Assim, podemos associar a oferta do andor como agradecimento, ou pagamento de promessa da Família Viana, como prática de ex-voto à Santíssima Trindade. Um contrato vitalício com o santo (entidade ou qualquer outro ser ou força sobrenatural que o fiel considere sagrada) que deve perpetuar-se pela vida inteira. Em alguns grupos sociais tradicionais ribeirinhos do interior do estado do Amazonas, como os devotos do Corpo Santo, de Coari, por exemplo, retratados por Menezes (2023), a prática ex-votiva passa de geração em geração nas famílias.

Uma prática diferente das promessas tradicionais feitas dentro da doutrina oficial (erudito-hegemônica) católica, onde a dívida com o santo e/ou com Deus se encerra assim que a graça é alcançada e a promessa é paga pelo devoto com algum gesto concreto de doação ou privação, ou com a oferta de um objeto simbólico. Dentro da vasta taxonomia da Folkcomunicação, no que tange às práticas religiosas, os métodos e/ou atitudes subversivas e heterodoxas é o principal traço folkcomunicacional dentro dos ambientes de cultura popular. E este aspecto, quase sempre, é revelado no ex-voto e nos ritos que os cerca.

Ainda conforme análise, caracteriza-se o andor da Santíssima Trindade como parte da tipologia do ex-voto figurativo, segundo Marques de Melo (2008) cita Jorge Gonzalez (1981), pois trata-se de um objeto que expressa a graça alcançada, e geralmente é feito de metal, cera, marfim, osso, pedra ou madeira (MARQUES DE MELO 2008, p. 86). Com base no que é apresentado por Marques de Melo (2008, p. 93) o andor da Santíssima Trindade como ex-voto é pode ser classificado como gênero de folkcomunicação icônica, de formato devocional, pela expressão de fé e pagamento de promessa por meio da confecção e doação do andor.

A ressignificação do andor não somente como veículo para o artefato da Santíssima Trindade na caminhada penitencial, expressa sobretudo a representação simbólica do ex-voto como veículo folkcomunicacional, onde encontramos doações feitas pelos devotos da Santíssima Trindade. As flores naturais e os demais adereços que ornem o andor são também nesse sentido são de ex-votos de formato decorativo dentro do gênero icônico da folkcomunicação.

Últimas considerações

A prática do ex-voto forjada na iconicidade do andor, construído, conservado e ostentado de forma cíclica pelas famílias devotas da Santíssima Trindade, analisada a partir da teoria da Folkcomunicação revela mais um elemento significativo das expressões de religiosidade popular espalhadas pelo Brasil (muitas ainda obscurecidas pelo capital sociorreligioso hegemônico) que nos faz compreender sentidos mais amplos da relação comunicacional com o sagrado, para além da utilização e confecção do andor como instrumento ex-votivo, principalmente ao abordarmos o ex-voto como elemento folkcomunicacional, pois percebemos na mesma dinâmica contextual o sagrado e o profano

convergindo numa relação dialógica complexa, desprovidos de amarras ritualísticas de dogmas religiosos eruditos e/ou oficiais, embora em algum momento haja hibridismos.

A partir da concepção orgânica da religiosidade popular deste grupo social, esta breve incursão teórica constata e apresenta o andor como gênero icônico, que comunica e expressa, por meio do simbolismo do ex-voto, os milagres e graças alcançadas (eficácia simbólica). Além disso, apresentamos a relação do andor como o barroco como expressão artística e que se relaciona com o sentido religioso (especialmente o catolicismo) e/ou com o sentimento de religiosidade que impregna o imaginário de todas as sociedades, desde os tempos mais remotos.

A participação dos devotos da Santíssima Trindade nesta prática popular e singular católica produz sentido (s) em torno do andor e seus elementos inseridos no seu desenvolvimento e os processos de evocação do sagrado que ocorrem ao seu redor e por meio dele, da sua potência como símbolo.

Desta feita, este artigo buscou abordar de forma multidisciplinar o conceito e a prática do ex-voto (em termos folkcomunicacionais) a partir da análise do andor da Santíssima Trindade na cidade de Manaus, a fim de demonstrar (ainda que por meio de um recorte) que quando se trata de construir um relacionamento com o sagrado, a comunicação também tem um papel fundamental, que transpassa a instituição dogmática da igreja, posto que os signos de linguagem estão por toda parte e à disposição de todos (as); para seu uso interpretativo diverso.

Logo, há um vasto campo de identificação e produção complexa de conhecimento, especialmente nas camadas populares da sociedade, donde brota uma riqueza imensurável de saberes tradicionais (incluindo os religiosos), dos quais a Folkcomunicação se apropria para mostrar ao mundo que não há uma única forma de sistematizar o conhecimento. E para todas as formas existentes, a comunicação (como ciência e/ou instrumento informacional alegórico) tem um papel imprescindível e preponderante.

Referências

- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BEDIN, A. G. **Barro: um estado de espírito**. Último Andar, [S.1.], n. 23, p. 84-92, abr. 2014. ISSN 1980-8305
- BÍBLIA, A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. 94. ed. São Paulo: Ave Maria, 2014. p. 101-143.
- CASCUDO, L. C., 1898-1986. **Dicionário do Folclore Brasileiro** / Luís daCâmara Cascudo. – 12 ed. – São Paulo: Global, 2012.
- ELIADE, M. **Mito do eterno retorno**. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. Aurélio Buarque de Holanda. 3. Ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- LEAL, J. **As Festas do Espírito Santo nos Açores: um estudo de Antropologia Social** (Coleção Portugal de Perto; 29). Lisboa: 1ª edição. Publicações Dom Quixote, 1994.
- MENEZES, G. M. **Folkcomunicação e imaginário: narrativas e imagens do Corpo Santo na comunidade Terra Preta, em Coari-AM.**/ Gleilson Medins de Menezes. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2023. 163 f.: il., color.; 31cm.
- MENEZES, G. M. **Resistência cultural pela fé: um estudo folkcomunicação do “Corpo Santo”**. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- NAVA, Rosa Maria Ferreira Dales. **Folkcomunicação impressa na sociedade tecnológicomidiática. Notícia ou propaganda de fé?** PDF. 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Lajeado, 2004.
- ROCCA, S. (Dir). **Thesaurus: Vocabulário de Objetos do Culto Católico**. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança, 2004.
- SANTOS, P. R. S. **Igreja, arte e representação em salvador no século XVIII**. 2001. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.
- SILVA, E. A. **Símbolos estético-barrocos presentes na concepção de andores: aspectos sobre o imaginário católico**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2020.